
LINGUAGEM CULTURAL

E SEUS MÚLTIPLOS

OLHARES

DOI 10.18224/frag.v28i3.6952

O termo cultura pode ser compreendido como um conjunto de expressões que manifestam o *ethos* de um povo, que “é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao mundo que a vida reflete” (GEERTZ, 1978, p.143). A cultura passa pelas representações, mitos e símbolos. Cada grupo tem o seu símbolo, aquilo que exprime a sua realidade (GEERTZ, 1978, p.145).

O simbolismo é descrito como aquele que “transmite a mensagem por sensações, permite a emoção de sentir o sagrado. É pelo simbolismo que a comunicação se efetiva” (SILVA, 2009, p. 77). Já o racionalismo procura explicar o mito, a origem (SILVA, 2009). Este é o relato de um acontecimento originário, no qual os deuses agem e cuja finalidade é dar sentido a uma realidade significativa (CROATTO, 2010, p. 209).

A característica do mito é situar o acontecimento narrado em horizonte primordial, sendo os deuses os atores protagonistas dos mitos. São os *Dramatis personae*. Estes surgem antes da cosmogonia. É o relato da origem divina das coisas e das instituições. É o modo como expressa a experiência religiosa e a sacralidade hierofanizada naquilo que lhe concerne profundamente em sua realidade (CROATTO, 2010, p. 212-6).

A construção mítica é simbólica, imaginária. Ela não descreve como as coisas se originaram, e, sim, diz o que são. Surge de uma pergunta, que logo tem a resposta, afirmando que existe porque os deuses assim as fizeram, como estão no momento. Com o decorrer da história, os mitos são recriados ou relidos, pois a realidade também vai mudando. Com isso, suscita a memória do acontecimento originário que serve de modelo.

Em uma determinada cultura pode haver muitas lendas, contos, mas poucos mitos, pois são eles que narram os acontecimentos que são instauradores de uma realidade (CROATTO, 2010, p.235).

Para Croatto (2010), ao se referir ao mito e ao símbolo, símbolo é a primeira linguagem da experiência religiosa e o mito é a estrutura. E neste caso, eles se completam, sendo um essencial para o outro. O mito dá a sacralidade ao símbolo.

O mito “conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’” (ELIADE, 1972, p. 11). Os símbolos e mitos são

linguagens que também expressam as manifestações culturais de um povo que foi construída ao longo da história humana. Outra linguagem que revela a vida e as experiências de um povo é a performance. “A performance como uma forma de expressão humana que se manifesta no cotidiano dos indivíduos, seja de forma consciente ou não. Às vezes, até sem perceber as pessoas estão realizando performances” (PEREIRA, 2014, p. 291). É com esta compreensão que a revista *Fragmentos de Cultura* apresenta o dossiê *Culturas, Imaginários e Performances*, coordenado pelos professores: Ivan Vieira Neto, Christiane Gonçalves Costa e Genilda da Silva Alexandria Sousa, aos quais agradecemos pela contribuição no campo da interdisciplinaridade.

Além do dossiê *Culturas, Imaginários e Performances*, o número conta também com cinco artigos e uma resenha. No artigo Política Pública Cultural em Campos dos Goytacazes (RJ): a política no caminho da política pública, os autores Campos, Miguel, Marquezine e Azeredo buscam analisar, a partir do estudo das políticas culturais no âmbito local, a prática cotidiana de uma política pública.

A cultura parece ser um elemento essencial no entendimento da história do ser humano, como apresenta Perius no seu texto Fiódor Dostoiévski e o Cristianismo. O texto Memória e Identidade no Jogo de Capoeira Em Altos-PI, de Lima e Silva, vem confirmando a ideia de cultura ao afirmar que a capoeira é uma das manifestações da cultura afro-brasileira mais praticadas no Brasil. Já o texto Mulher e Mercado de Trabalho: é possível uma equidade de gênero?, elaborado por Silva, propõe refletir sobre as imposições culturais, que acabam se tornando obstáculos para que as mulheres construam suas carreiras profissionais. Entende-se que para vencer essa cultura de escravidão, não só da mulher, mas de todo o ser humano, como bem apresenta Ferreira na sua reflexão Filêmon: libertação! Brasil: escravidão análoga na criação de uma identidade transformadora, a partir da religião, da fé, onde os próprios indivíduos são os protagonistas dessa transformação. A discussão sobre o tema é concluída com Mariano, que apresenta sua resenha Ensaio de Walter Benjamin sobre a Criança e a Juventude, que faz memória do brincar como parte na construção cultural da criança e do jovem.

Finalizamos com os sinceros agradecimentos a todos os autores e autoras, que com seu tom, cor e melodia deixaram este número da *Fragments de Cultura* com um sabor diferenciado e único.

Referências

- CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PEREIRA, Antônio de Jesus. O sentido da mística como uma performance cultural do mst. *Caderno. Ed. Tec. Soc.*, Inhumas, v. 6, p. 289-300, 2014.
- SILVA, J.C. Avelino. Cultura e Simbolismo Na Grécia Palaciana e na Pólis, texto digitado entregue em sala de aula. In: SILVA, J.C. Avelino. *Zeus e a lógica do mito*, Goiânia: Deescubra, 2003.
- SILVA, José Carlos Avelino da. *O sagrado e a individualidade: o nascimento do ser humano e a emergência da individualidade*. Goiânia: Ed. UCG, 2009.

Rosemary Francisca Neves Silva

Editora da Revista Fragmentos de Cultura/PUC Goiás. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião/PUC Goiás. Coordenadora do NEPE